



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O COMPROMISSO EM UMA SOCIEDADE SEM ESTADO DURANTE O  
SÉCULO XI E XII: Perspectivas Historiográficas**

DÊNIA FERNANDES DE LIMA

PIRES DO RIO-GO  
2016

DÊNIA FERNANDES DE LIMA

**O COMPROMISSO EM UMA SOCIEDADE SEM ESTADO DURANTE O  
SÉCULO XI E XII: Perspectivas Historiográficas**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação do Professor Dr. Bruno Tadeu Salles.

PIRES DO RIO-GO  
2016

**O COMPROMISSO EM UMA SOCIEDADE SEM ESTADO DURANTE O SÉCULO  
XI E XII: Perspectivas Historiográficas**

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito básico para  
obtenção do grau de Licenciado em História

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. BRUNO TADEU SALLES  
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio  
(Orientador)

---

Prof. Dr. EDUARDO SOARES DE OLIVEIRA  
Universidade Estadual de Goiás  
(Examinador)

---

Prof<sup>a</sup>.M.<sup>a</sup> LIBERALINA TEODORO  
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio  
(Examinador)

Pires do Rio, GO, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Resultado \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, sem ele eu não teria conseguido; também aos meus pais: Delzuite F. Lima e Delson C. Lima, a minha irmã Denise F. Lima e meu companheiro Roque Stein.

A todos os profissionais da educação que desenvolvem um trabalho consciente, entendendo seu aluno como um sujeito capaz de evoluir.

É com muito carinho que dedico cada palavra neste trabalho descrito ao meu orientador Bruno Salles, que desde o princípio confiou em minha evolução acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Quero deixar de lado toda a formalidade que o trabalho exige e poder demonstrar aqui o carinho que sinto por todos, e é neste espaço que quero me sentir mais à vontade.

Obrigado meu caro orientador, Bruno Salles, por acreditar em mim e pelas oportunidades que você me ofereceu. Agradeço-te pelo exemplo de seriedade, educação e compromisso que foram importantíssimos para a construção desse trabalho.

A minha mãe, Delzuite, pelos momentos em que ouviu, atenciosamente, meus desabafos e pelas palavras carinhosas que me fizeram seguir em frente.

Ao meu companheiro Roque, pelo constante apoio, carinho e estímulo que me foi dado. Um companheiro indispensável na minha vida, que sempre acreditou em minha capacidade.

Ao meu pai, Delson, que apesar de não acreditar na importância da educação formal, proporcionou-me condições para que eu própria tomasse consciência de tal importância.

À banca de qualificação, pelas análises e sugestões que possibilitaram repensar alguns pontos, rever outros, tornando possível a construção de uma produção mais consistente.

E não podia deixar de mencionar a minha amiga irmã, Priscila Matos, que muito me aconselhou para eu não desistir, seguir sempre em frente. Rimos juntas, choramos juntas, tornamo-nos irmãs; criamos uma amizade muito forte e sólida que me contribuiu muito como pessoa.

Agradeço aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade em participar e pelas contribuições enriquecedoras. Sinto-me muito lisonjeada com o comprometimento de todos.

## RESUMO

A pesquisa tem como finalidade analisar os equilíbrios sociais da sociedade senhorial. A escolha pelo recorte temporal, ou seja, século XI e XII, deu-se em virtude de uma pesquisa realizada na Universidade Estadual de Pires do Rio, com o tema: A Senhorialização da Ordem do Templo segundo os cartulários meridionais: poder, memória e territorialidade (séculos XII e XIII); no programa de iniciação científica (PIBIC), junto ao meu orientador Bruno Tadeu Salles. Temos como caminho metodológico documentos medievais cedidos pelo orientador, que, através de uma visita à França, teve o prazer de conhecer esses documentos e registrar alguns em fotografias, por acreditar que, a partir do desenvolvimento da pesquisa iniciada no PIBIC, discorreríamos sobre a singularidade do período senhorial, fazendo com que um aglomerado de pensamentos e documentos ganhe sentidos e significados. Mediante a utilização de documentação mencionada, utilizaremos como aporte teórico os autores: Gueary (1986), Barthélemy (2010), Almeida (2002), Baschet (2006), Salles (2011), Le Goff (2013).

**Palavras-Chave:** Sociedade senhorial. Compromisso. Equilíbrio social.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1 CARACTERIZAÇÃO DOS EQUILÍBRIOS SENHORIAIS NO SUL DA FRANÇA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XII.....</b>	<b>11</b>
1.1 Senhorio e suas Relações Sociais .....	19
<b>2 OSCULUM: Atos e Gestos, Simbolismo no Período Senhorial .....</b>	<b>21</b>
2.1 Descrição .....	23
CONCLUSÃO .....	30
LISTA DE FONTES .....	31
REFERÊNCIAS.....	32

## LISTA DE IMAGENS

- Figura 1** – Localização da Provença (atual sul da França)..... 15
- Figura 2** – Homenagem exemplo de um ritual clássico da vassalagem ..... 24
- Figura 3** – *Osculum*, o beijo que sela a fidelidade entre o vassalo e seu senhor ... 25
- Figura 4** – Representa a investidura, que significa ato de investir uma pessoa na posse de algum cargo ou dignidade; emposse ..... 26

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema se deu a partir de uma pesquisa que foi desenvolvida juntamente com o Profº Drº Bruno Tadeu Sales entre agosto de 2013 e julho de 2014 na UEG- Câmpus Pires do Rio, e abordou a dinâmica do compromisso da Provença do século XI e XII a partir do exame de um documento relativo à prática senhorial<sup>1</sup>. Tratou-se da resolução do litígio entre o abade Bernardo do mosteiro de Septfons e Geraldo Bonafos. Esse último mantinha bens do mosteiro de Bernardo contra a sua vontade.

Partindo da pesquisa desenvolvida surgiu o interesse em me aprofundar mais a respeito do assunto para isso tivemos como referência bibliográfica as obras de Dominique Barthélemy (2010) e Patrick Geary (1986). Estas obras foram importantes no desenvolvimento da pesquisa, pois apresentam uma perspectiva diferente da tradicionalmente vinculada nos livros didáticos. Esses autores nos mostraram que o Estado, tal como conhecemos hoje, era inexistente naquele período. Porém, essa sociedade não estava envolta em anarquia, e se estruturava com base nos compromissos, na moral e na honra. Nesse sentido, Geary e Barthélemy nos mostraram que essa sociedade se manteve coesa por possuir regras próprias, diferentes daquelas existentes no mundo contemporâneo. Os desafios encontrados no decorrer da pesquisa diziam respeito a pensar em uma sociedade sem Estado e compreender suas especificidades quando se nasce e morre em uma nação com Estado.

---

<sup>1</sup> O trabalho foi apresentado no Congresso Internacional Ordens religiosas na Idade Média (séc. XII-XV): concepções de poder e modelos de sociedade, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos dias 26 a 29 de maio de 2014, com mesas redondas onde professores abordaram vários temas como: Ordens Mendicantes: concepções e práticas políticas. Este evento contou com a participação dos Professores Paolo Evangelisti (Pontificia Università Antonianum - Roma), Leandro Duarte Rust (UFMT), André Luis Pereira Miatello (UFMG). Teve também as sessões de comunicação e em uma dessas sessões apresentei minha pesquisa, onde foi abordado o tema “O Compromisso em uma sociedade sem Estado durante o século XI e XII: perspectivas historiográficas”. Com essa oportunidade, foi possível enriquecer ainda mais a pesquisa na questão do critério da utilização de uma fonte ou documento, sem contar na honra em apresentar a pesquisa para Professores Internacionais. Através dessa oportunidade como bolsista, pude divulgar um pouco das atividades científicas realizadas no Campus de Pires do Rio e estimular os demais colegas a fazer uma pesquisa científica. Nos dias 11 a 15 de Agosto de 2014, tive a oportunidade de expor o banner da minha pesquisa no XII semana de Historia I Simpósio Nacional de Historia UEG - Pires do Rio e apresentar para os colegas da unidade universitária.

O objetivo principal foi compreender a sociedade a que o documento alude e buscar entender como ela se manteve e se estruturou a partir de princípios completamente diferentes do mundo contemporâneo. Além disso, buscamos uma visão diferente dessa época: compreender que ela não era tão violenta ou caótica como é mostrada nos livros didáticos e considerar ideias e posições diferentes da que a representa apenas a partir da exploração do campesinato pelos senhores, da predominância da relação feudal e do domínio absoluto e universal da Igreja. Buscamos perceber e compreender a complexidade dessa sociedade que, de certo modo, perde-se nos livros didáticos.

A pesquisa proposta aprofundou determinadas análises e reflexões a respeito do tema: O Senhorio: perspectivas historiográficas. A partir dessas observações, discutimos algumas perspectivas dos historiadores acerca da sociedade senhorial. Procuramos realizar uma crítica historiográfica, acompanhado de uma análise documental.

O trabalho será dividido em dois capítulos. Sendo que o primeiro capítulo abordará a localização da Provença trabalhada, neste caso o sul da atual França, pelo fato que os documentos aqui usados pertencem a essa região, também serão abordados os equilíbrios senhoriais.

Já o segundo capítulo trará uma análise sobre as questões simbólicas e sua validade perante a sociedade, em que abordaremos os atos e gestos simbólicos como, por exemplo, o *Osculum*. Ele também fará uma breve abordagem a respeito da ligação entre simbolismo e imaginário.

## 1 CARACTERIZAÇÃO DOS EQUILÍBIOS SENHORIAIS NO SUL DA FRANÇA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XII

“O homem não vive somente de pão; a História não tinha mesmo pão; ela não se alimentava se não de esqueletos agitados, por uma dança macabra de autômatos. Era necessário descobrir na História uma outra parte. Essa outra coisa, essa outra parte, eram as mentalidades” (JACQUES LE GOFF).

O presente trabalho intenta abordar a dinâmica do compromisso na sociedade senhorial a partir de documentos da prática senhorial<sup>2</sup>. A sociedade estudada está localizada no sul da atual França e o período destacado aqui são os séculos XI e XII. Nessa época ocorre enorme transformação na Idade Média. No século XI desenvolvem-se gêneros literários, por exemplo, a poesia épica (relata sobre grandes heróis e sobre a honra), Já de meados do século XI até o século XII, houve um período de transformação na sociedade e o renascimento comercial. Com isso, há um grande crescimento demográfico na Europa. Essa época também é considerada como (sistema feudal) ou Feudalismo<sup>3</sup> por muitos historiadores.

Tomamos como pressupostos teóricos a análise de Geary (1986) acerca dos conflitos entre os monges do priorado de Chorges e os cavaleiros daquela região. Esses conflitos diziam respeito à disputa por um território pertencente ao mosteiro, mas que estava sob o poder dos cavaleiros. Segundo Geary, cada parte agia de determinada forma para fazer valer seu ponto de vista. Os cavaleiros pressionavam os monges com atos de violência, com a ocupação e a devastação de outras propriedades monásticas. Por outro lado, os monges realizavam uma espécie de violência simbólica, clamando vingança aos santos, demandando a excomunhão dos cavaleiros junto ao bispo e se recusando a ministrar os sacramentos. Geary (1986) também aponta como o conflito pode gerar a união ao definir os aliados de um e outro lado. Finalmente, o autor considera que a arbitragem tinha o objetivo não de dizer se um lado estava certo ou errado, mas de restabelecer a concórdia e a amizade entre as partes.

---

<sup>2</sup> SEPTFONS, Bernardo de. “Acordo com Geraldo Bonafos acerca da doação de Guilherme de Pena ao monastério de Septfons no Languedoc”. In: PORTAL, Ch. & CABIÉ, Edm. **Cartulaire des Templiers de Vauor**. Paris/Toulouse: A. Picard et fils/Édouard Privat, 1895: 6-7 (trad. nossa).

Manuscrito n.º. 752 (R.A. 13) (3) Bibliothèque Méjanes, Aix.

Manuscrito n.º. II; série 56H; fundo 5279. Arquivos departamentais des Bouches-du-Rhône (Marseille).

<sup>3</sup> BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. São Paulo, Globo, 2006.

Segundo Geary (1986, p.14), o fato de não haver um tribunal público possuindo uma jurisdição reconhecida, não significa que a sociedade vivia na anarquia. Indivíduos e grupos pertencem a uma sociedade e a uma cultura homogênea que lhes permitem tratar suas relações conflituais segundo os valores compartilhados e as regras implícitas. Obras como a de Geary (1986) foram importantes no desenvolvimento da pesquisa e serão indispensáveis para o desenrolar desse trabalho acadêmico por abordarem temas como divisões de terras e resolução de conflitos a partir do compromisso na Idade Média. As obras trataram também de uma sociedade estruturada na base do compromisso, da honra e de uma cultura própria. Essas questões foram desenvolvidas nessa pesquisa e, a partir de então, surgiu o interesse em continuar a discussão de como se estrutura uma sociedade que não havia um Estado.

Observa-se, por outro lado, que Barthélemy (2010) aponta que havia certa violência senhorial, assim como Geary (1986). Contudo, a questão é examinar o que havia de específico nas relações sociais, bem como nessa violência, e perceber, para além da rapinagem e do caos, ausentes da ideia de Estado contemporâneo, o compromisso, as particularidades temporais dos equilíbrios e acordos que mantinham a estrutura social. Em suma, as ideias de Barthélemy (2010) vieram no sentido de questionar a ideia de violência como um obstáculo a uma compreensão das especificidades das sociedades dos séculos XI e XII.

Propomos analisar a sociedade e buscar compreender a dinâmica do compromisso<sup>4</sup> na Provença estudada nos séculos mencionados. Além disso, buscamos uma visão diferente de muitos historiadores multacionistas que afirmam que a época estudada era um período muito sangrento e violento, no qual não se tinha ordem apenas “anarquia”. Objetiva-se mostrar que ela não era violenta ou caótica como é mostrada nos livros didáticos<sup>5</sup> e absorver ideias que são perdidas nos livros didáticos, em que as características dessa sociedade se restringem tão somente à violência, relações feudais, feudo, Igreja católica e relações servis. Buscamos entender a complexidade dessa sociedade, pois esse período tem muito a contribuir com os cidadãos e muito a ser estudado.

---

<sup>4</sup> O compromisso aqui descrito se remete a uma atitude antiga, que já estava presente na Idade Média no comportamento dos vassallos, que tinham compromisso de fidelidade com o senhor feudal em troca de algum benefício obtido.

<sup>5</sup> SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. **História**: volume único. Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi. 1ed. São Paulo: Ática, 2005.

Nesse sentido, a problemática é mostrar como essa sociedade se manteve a partir do compromisso. Para isso, serão trabalhadas fontes documentais dos séculos XI e XII, tal como referido acima em nota. Constituir o compromisso, nesse contexto, não significava julgar o certo e o errado, mas buscar a paz para as partes envolvidas em um conflito.

Manuscrito n.º. II; série 56H; fundo 5279. Arquivos departamentais des Bouches-du-Rhône (Marseille).

Confirmação feita por Biatrix de determinadas doações, após litígio com os templários (1180).

No ano da encarnação de nosso senhor Jesus Cristo de mil cento e oitenta. A controvérsia que existira entre os irmãos do Templo de Jerusalém e Beatriz, mulher de R. Loter, foi pacificada pela mão do senhor Maurel, bispo de Senez, uma vez que a predita Beatriz reclamava de V. Rebollo de Soleillars, que é homem do Templo e que detinha suas terras e prados contra sua vontade. A outra segunda parte que reivindicava, de modo diverso, negava isso ser válido. Portanto, o predito bispo, convocadas aquelas [partes], ouvidas diligentemente as alegações de uma e outra parte, por igual vontade e comum assenso de uma e de outra, fez tal composição entre eles. A supradita senhora Beatriz e seu marido, R. de Cellans, por boa fé e sem fraude e sem toda retenção, doaram e em perpétuo concederam a casa do Templo e a Poncio de Rigaut, mestre do Templo de Ruou, V. Rebolo, seus filhos e quaisquer [coisas] que possuía neste dia, tanto em possessões cultas quanto incultas, uma vez que acreditavam haver de direito. Daí, por esse modo, da casa e dos irmãos do Templo, pela doação ou concessão, a própria predita senhora teve trinta soldos. São testemunhas desta composição ou transação: P., prepósito de Sens, que foi assessor nesta causa. P. de Bracio, cônegos professos. (..). (Tradução parcial: Bruno Tadeu Salles).

No documento, poderemos notar claramente que não teve parte certa nem errada, mas vemos um conflito resolvido através de um compromisso. Ambas as partes chegam a um consenso sem afetar de maneira drástica nenhuma delas.

Este é um documento importante para a análise, porque ele permite um diálogo com a ideia que Geary (1986) defende a respeito do conflito. Neste caso, Geary (1986) trabalha com uma análise crítica do conflito: como se comportavam as partes do conflito, e quais meios eram empregados para fazer valer sua vontade. Como podemos perceber em seu artigo, os meios usados eram a humilhação de relíquias, que seria humilhar os santos ou algo considerado santo, a excomunhão; que seria excluir o cidadão do meio religioso ou até mesmo do meio social. Esses seriam meios usados para conseguir chegar a um acordo que convinha às partes envolvidas.

É interessante observar que, sempre depois de um conflito, os laços de amizade se fortaleciam. Como exemplo: se você entrasse em um conflito para apoiar

uma das partes, esse ato era reconhecido e a amizade se fortalecia por tal ato de apoio. Segundo Geary (1986):

Fato de não haver um tribunal público possuindo uma jurisdição reconhecida, não significa que a sociedade vivia na anarquia. Indivíduos e grupos pertencem a uma sociedade e a uma cultura homogênea que lhes permitem tratar suas relações conflituais segundo os valores compartilhados e regras implícitas. (p.14).

Seguindo o pensamento do autor, não havia um tribunal público, muito menos leis como hoje, mas havia formas de pressão social extralegais, que seria a captura do abade do mosteiro da região, a humilhação de relíquias, etc. Além disso, essa sociedade era pequena, podemos dizer que era uma sociedade de ver e ser visto. Portanto, o compromisso era levado muito a sério e cumpri-lo era questão de honra.

A Idade Média vem sendo abordada há tempos, porém com uma visão diferente voltada para o feudalismo, em que as principais questões tratadas são a dominação da Igreja Católica e a divisão da sociedade em feudos. A autora Neri Barros Almeida (2002) buscou presentear, em seus estudos, reflexões sobre o feudalismo com o objetivo de despertar o interesse entre os historiadores. Almeida (2002) aborda isso com propriedade ao mostrar os abusos da generalização de uma Idade Média sempre feudal e clerical. Segundo a mesma autora, “O estudo da Idade Média inspirou muitas formulações teórico – metodológico, que mudaram os rumos da historiografia no século XX”, (p.13); tais como as imagens que descreveriam a Idade Média como: uma imagem negra que seria o obscurantismo da época.

Vemos que os novos historiadores do século XXI buscam trabalhar a Idade Média de com um olhar que desperta inquietações quanto ao século trabalhado e, de certo modo, buscam uma visão crítica em mostrar que essa sociedade tinha suas bases próprias, e que, de certo modo, se manteve coesa com suas tradições e culturas. Por mais que muitos outros autores, historiadores medievalistas, retratem essa época como “idade das trevas”, a nossa proposta é de fugir desses fatores, e buscar uma visão mais metódica da época, trazendo à tona sua cultura e suas particularidades.

Procuramos fazer uma breve releitura sobre o período senhorial, partindo das relações aristocráticas, ou seja, neste período e nesta região não identificamos

senhores feudais, eles eram apenas senhores que teciam vínculos de outras maneiras como: juramento, acordos, partilha de bens, equilíbrios senhoriais e outros.

É considerável falar que a aristocracia era a classe dominante no Ocidente medieval e era caracterizada pelo poder que eles exerciam sobre a terra e sobre as atividades guerreiras. É também significativo ressaltar o quanto é difícil entender a Idade Média, quando vemos que os livros didáticos não oferecem suportes seguros sobre o período. Eles trazem, apenas, fatos históricos superficiais da época e uma generalização baseada somente em questões clericais e servis, tornando toda a Idade Média em FEUDALISMO.

No entanto, é cabível discorrer nesse trabalho visões e valores da época, que além de ter passado por muitas mutações, ainda foram esquecidas ao longo do tempo e das percepções historiográficas dos livros didáticos.



**Figura 1** – Localização da Provença (atual sul da França).

Fonte: Disponível em: <[http://www.voyagesphotosmanu.com/mapa\\_geografico\\_franca.html](http://www.voyagesphotosmanu.com/mapa_geografico_franca.html)>.

A partir deste mapa, podemos ter uma noção de localização tanto no decorrer do trabalho quanto ao discutir os documentos mais adiante. Para melhor compreensão, estamos tratando de uma sociedade senhorial sem estado do século XI e XII, localizada no sul da atual França.

Neste período, o estado era bem frágil, portanto essa sociedade não possuía um Estado já estabelecido e alicerçado, nem mesmo leis judiciárias. Destacamos que a principal questão dessa sociedade era a filosofia “do ser e ser

visto”, para eles essa filosofia era fundamental, ou seja, em uma sociedade pequena, era cabível ter cuidado com sua imagem; a honra (sua palavra) era de grande valor. Caso se descumprisse algo, o compromisso firmado, era feita a excomunhão<sup>6</sup>, e caso uma outra pessoa tivesse contato com uma pessoa excomungada, ela também sofria a mesma penalidade.

Quando falamos em estrutura social não podemos esquecer que a hierarquia é um ponto-chave nessa sociedade.

Toda sociedade possui uma complexa pirâmide hierárquica; no vértice, estava o rei, mais abaixo vinham os senhores com título (tais como duques, condes, abades de mosteiros importantes), depois vinham os barões e, por fim, os simples cavaleiros. Todos esses grupos estavam unidos por um só interesse, explorar o povo trabalhador durante a Idade Média.

Durante os séculos aqui citados, a terra era a fonte de riqueza, muitas dessas terras pertenciam à Igreja, que também fazia parte da pirâmide hierárquica. Grandes propriedades recebiam o nome de senhorio ou domínios senhoriais. Vemos essa questão bem clara nos juramentos feitos e nos acordos estabelecidos. Tomamos como exemplo o acordo abaixo citado, no qual os envolvidos são um abade e um laico:

Acordo entre Bernardo, abade de Septfons e Geraldo Bonafos (1161).

Seja conhecido a todos, tanto presentes quanto futuros, que eu, Bernardo, sétimo abade de Septfons, no ano da encarnação do senhor de 1161, sexta feira, após o Natal do Senhor, (..), sendo Luis rei dos francos e Henrique rei dos anglos, possuidor da cidade de Cahors e também em guerra com Raimundo, conde de Toulouse, fui junto àquela rocha que é chamada Columberia, que está embaixo do castelo de Pena, (..), fui com alguns irmãos nossos, para aí, [colocar] a querela que fazíamos acerca da doação de Guilherme de Pena nas mãos de Audeguer, para ser claramente resolvida por justo juízo do supradito Audeguer.

Verdadeiramente, a querela era sobre toda aquela terra, com prado e moradia que é chamada cabana, com muitas outras cabanas de Rocha-Vermelha, (..), que Geraldo Bonafos, por violência e injustiça, mantinha contra nossa [vontade].

Enfim, ouvidas aí as razões de uma e outra parte, por justo juízo, foi definido que o próprio Geraldo Bonafos, a mim, Bernardo, abade, a nossos irmãos, livremente entregasse e em paz abandonasse tudo. (..).

---

<sup>6</sup> *Substantivo feminino 1.rel* penalidade da Igreja católica que consiste em excluir alguém da totalidade ou de parte dos bens espirituais comuns aos fiéis. *2.fig.* exclusão da participação que uma pessoa tinha em grupo ou comunidade.

Por outro lado, queremos que seja espontaneamente manifesto que o próprio Geraldo Bonafos, verdadeiramente no terceiro dia, um domingo, [após ser] ouvido o juízo, de joelhos e com as mãos juntas, a si próprio, a mim, o abade Bernardo, e a meus sucessores, entregou-se em homenagem, com tudo o que possuía; de forma que eu, o abade Bernardo, aceitei a chave das próprias cabanas das mãos do mesmo Geraldo Bonafos.

Contudo, eu, por causa da paz e da caridade, concedi a Geraldo e aos que faziam as ditas depredações, à custódia deles, [os bens mencionados], de modo que o próprio com sua família, até quando agradasse a mim e a nossos irmãos, permanecesse nas mesmas cabanas. Por outro lado, quando novamente não agradasse, ele entregaria [o acima estipulado] com todas as cabanas, livre, seguro e melhorado.

Geraldo Bonafos concordou tudo isso ser tido por sua fé, a qual eu, abade Bernardo, recebi do mesmo com um ósculo. (BERNARDO DE SEPTFONS. Acordo com Geraldo Bonafos acerca da doação de Guilherme de Pena ao monastério de Septfons no Languedoc. In: PORTAL, Ch. & CABIÉ, Edm. **Cartulaire des Templiers de Vauor**. Paris/Toulouse: A. Picard et fils/Édouard Privat, 1895: 6-7 (trad. nossa).)

Após lermos o documento acima, vemos que o abade requeria suas terras, mas, mesmo ele buscando seu direito, nota-se a forma pacífica com que eles conduziam um acordo: cada parte era ouvida. Em seguida era feita um homenagem e, enfim, estabelecia-se um acordo em que ambas às partes saiam com lucro, até porque naquele período não havia uma parte certa ou errada, tinha-se apenas um reconhecimento e acordo para que a paz permanecesse perante a sociedade. Como observou Geary:

Eles (os conflitos) são resolvidos mais por árbitros oficialmente escolhidos ou, mais simplesmente, por amigos ou conselheiros cujo o objetivo não é julgar segundo certas leis mas buscar uma solução que amenize uma situação explosiva real ou potencial<sup>7</sup>.

Percebe-se no documento já citados, bem claro, a presença de árbitros para a resolução do conflito, por exemplo: “São testemunhas desta composição ou transação: P., prepósito de Sens, que foi assessor nesta causa. P. de Bracio, cônegos professos. (..)”. Do manuscrito n°.II serie 56H; fundo 5279 Arquivos departamentais des Bouches-du-Rhône (Marseille).

Nesse período, não havia advogados nem juiz. Os conflitos não eram resolvidos pela guerra e sim por compromissos. Para tal eram chamados árbitros oficialmente escolhidos por ambas as partes em conflito, que poderia ser: um monge,

---

<sup>7</sup> GEARY, Patrick J. Viver em Conflito em uma França sem Estado: tipologia dos mecanismos de resolução dos conflitos (1050-1200). In: **Annales: économies, sociétés, civilisations**, n° 5, 1986: 1107-1133.

bispo, abade, conde. Esses relatavam no documento do compromisso o que as partes reivindicavam, assim como podemos ver no acordo citado. Com isso White conclui:

Diferente de um julgamento, não se chega a um compromisso somente pela aplicação de algumas regras estabelecidas pelo direito em matéria de controvérsias. Ao contrário, os árbitros levam em conta pressões opostas, relações sociais e direitos de propriedade; eles tentam reconciliar as partes adversas e criar os laços coletivos que compõem o tecido social das comunidades onde existem estas diferenças.<sup>8</sup>

Assim como Geary (1986), a autora Neri Barros Almeida (2002) retrata, em seus artigos, reflexões da sociedade senhorial a fim de despertar o interesse sobre a Idade Média para que não haja abusos da generalização de uma Idade Média sempre feudal e clerical.

A visão de muitos historiadores do século XX sobre a Idade Média é ligada a dominação da Igreja católica, na qual ela reprimia e manipulava toda a sociedade. Essa acaba sendo a grande questão em trabalhar a Idade Média de uma forma diferente, como um olhar que desperta inquietações e, de certo modo, busca uma visão crítica contemporânea.

Almeida (2002), em seu artigo, aborda a importância do compromisso e como era fundamental na Idade Média. Ela ainda faz citações sobre um tipo de compromisso: em uma cerimônia, os futuros vassallos passavam por um compromisso selado por mãos. O senhor exercia sobre o recomendado o *mundium*, uma forma de poder paternal, e passava a decidir seu casamento e a representá-lo diante da justiça. A autora prossegue falando sobre a caracterização da vassalagem e seu engajamento pessoal, aborda também as fragilidades, citando as imperiais, que não se deviam ao regime feudo-vassálico, mas as suas próprias características.

Portanto, ela trás inquietações sobre a cronologia da Idade Média e sua identidade em seus hábitos. Também aborda essa questão de divisão social (feudos) e acumulação de bens, das fragilidades sociais e da fidelidade. Com isso, deu-se extensão a esse período que foi e é tão influente a nós, futuros historiadores do século XXI.

---

<sup>8</sup> S.WHITE, "Pactum.. Legem Vincit et Amor Judicium: the Settlement of Disputes by Compromise in Eleventh-Century Western France", **The American Journal of Legal History**. v.22, 1978, p.308.

## 1.1 Senhorio e suas Relações Sociais

O tema abordado vem sendo estudado há tempos, porém com uma visão diferente voltada para o feudalismo e, para melhor compreensão, serão utilizados autores como Almeida (2002), Salles (2012), Jêrome Baschet e Jacques Le Goff<sup>9</sup> (2010), sendo as principais questões tratadas: a dominância da Igreja católica, a divisão da sociedade em feudos e *dominium*. Neri Barros Almeida (2002) busca retratar, em seus estudos, reflexões do feudalismo com o objetivo de despertar o interesse entre os historiadores. Tais objetivos que Almeida (2002) aborda com propriedade ao mostrar os abusos da generalização de uma Idade Média sempre feudal e clerical.

Analisando Jacques Le Goff (2013), em sua obra “Para outra Idade Media”, nota-se que o autor busca tratar o feudalismo de uma forma mais simbólica, como a vassalagem, que ele julga ser uma das questões principais da sociedade feudal.

O que percebemos é que o tema é retratado pelos autores citados cada um com sua visão e particularidades diferentes. Para termos noção e construir uma concepção de diferentes olhares e estudos sobre o tema, citaremos mais dois autores. Todos eles aqui expressos são essenciais para a construção da resenha apresentada.

Buscando entender a Idade Média com uma visão de poder social e governamental, optamos por Salles<sup>10</sup> (2012). Ele busca nos mostrar justamente isso, que a forma de um poder social se resumia em quantidades de terra, ou seja, quanto mais terra mais poder se tinha.

Não só na sociedade feudal, mas também aqui no Brasil no período da colonização, vimos em uma maior intensidade essa semelhança onde o poder social era medido pela quantidade de terras que se tinha, ou seja, “a lei do ver e ser visto” em uma sociedade.

Baschet (2006) trás uma análise sobre o *dominium* na sociedade senhorial que nos permite discutir sobre mudanças ocorridas na organização da

---

<sup>9</sup> Foi um historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval.

<sup>10</sup> Professor doutor na universidade Estadual de Goiás Campus Pires do Rio. Historiador medievalista, especialista em senhorio, formado na Universidade Federal De Minas Gerais (UFMG)

sociedade por volta do ano 1100. Ele nos chama atenção pela organização de poder e de sua dinâmica, dita “ordem ou regime senhorial”.

O *dominium* estava diretamente ligado à questão de poder e terras, quanto mais terra o senhor possuía mais *dominium*, ou seja, poder perante a sociedade mediante. Com isso fica bem clara a falta de mobilidade social e a divisão social.

Segundo Guerrau (1980, p.221), a essência do *dominium* estaria na não dissociação entre dominação sobre os homens e dominação sobre as terras. Possuir significava exercer poder.

No exercício do poder eles realizavam muitos rituais, nos quais havia certos atos simbólicos que serão discutidos no segundo capítulo, dando enfoque na importância do simbólico e de seu grande valor perante a sociedade da Idade Média.

No segundo capítulo, abordaremos como simbólico o *Osculum*, que é muito necessário, pois é um ato que sela o compromisso sem deixar de lado a questão da afetividade.

## **2 OSCULUM: Atos e Gestos Simbolicos no Período Senhorial**

“Um símbolo é nada mais que um manifesto da vontade de se expressar, assim como nós, manifestos do ser infinito, do ser incompreensível”.  
(CARLOS EDUARDO SALES).

Este capítulo objetiva tratar o conceito de símbolo e os atos simbólicos praticados no período senhorial. O conceito de simbolismo depende da interpretação de cada um, por exemplo, há símbolos respeitados e válidos para uns e para outros nem tanto. Um exemplo corriqueiro é o “horóscopo”, há pessoas que não saem de casa antes de ler o seu signo, já outras, se você perguntar sobre qual é o seu signo elas não sabem.

Iniciaremos com algumas teorias sociais sobre o símbolo. Assim, por exemplo, o Leão não é, sistematicamente, o símbolo de coragem. Porém, ele é um animal feroz e corajoso, e o fato de ser culturalmente visto como um animal corajoso torna-o um símbolo de valentia, título esse fornecido por determinado grupo. É interessante ressaltar o quanto o símbolo está ligado ao nosso cotidiano, então é relevante fazer uma breve releitura de seus conceitos para entendermos melhor o simbolismo e seus atos simbólicos. O símbolo e o imaginário estão relacionados, embora existam diferenciações entre eles. O símbolo está presente na vida social e no cotidiano familiar, econômico, religioso, político, por exemplo: aniversários, velórios, casamentos e batizados.

O símbolo tem caráter constitutivo e convencional na medida em que a interpretação simbólica ajuda a entender a constituição da identidade do sujeito, ou seja, a construção do sujeito. Além disso, é de caráter convencional, porque nem todas as comunidades e nem todos os sujeitos históricos vão entender o símbolo da mesma maneira.

Para melhor compreensão deste assunto, teremos como base o medievalista Jacques Le Goff. O simbolismo é tratado por ele como um ato de alta valia na sociedade medieval. Como dito no capítulo anterior, esta sociedade senhorial não possuía um Estado estabelecido e nem leis como hoje em dia, no entanto, essa sociedade se provia de ritos simbólicos, um aqui mencionado é “o ritual simbólico da vassalagem”, que nos chama atenção por usar gestos simbólicos como um ato de selar um acordo. Vemos numa carta foral de 1123, conservada no cartulário de São Nicolau de Angres, o exemplo de um gesto simbólico, podemos

observar: “Quirmarchoc e seus dois filhos investiram com esse benefício [Dom] Grandelon, monge de São Nicolau com um livro na Igreja de São Pedro de Nantes e lhe deram um beijo para marcar essa doação pela fé; e o livro que deram ao monge puseram-no simbolicamente sobre o altar de São Pedro”.<sup>11</sup>

Vemos, no trecho do documento acima citado, o beijo (*OSCULUM*), um ato simbólico muito usado em ritos praticados na sociedade senhorial. Le Goff (2010), em sua obra “Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente”, usa Émile Chénon como base para uma explicação do *osculum*, que seria o beijo de fidelidade ou paz usado como símbolo de oblação<sup>12</sup>. Nota-se nesse trecho da citação algumas características simbólicas, como: o constitutivo e o convencional, constitutivo porque faz parte da identidade do período e convencional porque faz parte das especificidades dos sujeitos históricos.

Portanto, vemos que o símbolo é uma atribuição de sentido, como o beijo (*osculum*), que traz o objetivo de selar um compromisso. Este símbolo é encontrado em compromissos, acordos, ritos e doações. As primeiras relações simbólicas foram realizadas em forma de cerimônias de coroamento, funerais e outros. A Bíblia era uma grande referência simbólica no ocidente medieval, sobretudo o Antigo testamento, que segundo Le Goff discute essa imagem simbólica do Rei Davi.

Entretanto, nosso interesse é justamente buscar o sentido coerente do termo simbólico e, respectivamente, ligá-lo ao rito da homenagem, bem comum na sociedade senhorial. Le Goff relata que “O vassalo coloca suas mãos juntas entre as de seu senhor, que as envolve em suas mãos” (p.448). A primeira observação aqui é justamente os gestos, não só do vassalo, mas também do senhor. Percebe-se que um gesto responde ao outro, tornando assim válido.

O ósculo não existe apenas no passado, ele ainda se encontra presente em alguns países do oriente, sendo uma maneira afetiva de cumprimentar grandes autoridades, por exemplo, na Rússia. A Bíblia também trás o ósculo em várias circunstâncias:

- Indicativo de profunda afeição. Gên. 27:26-27; 31:28; 50:1; I Sam. 20:41.
- Sinal de reconciliação. Gên. 45:15.
- Símbolo de homenagem. I Sam. 10:1.

---

<sup>11</sup> Apud DUCANGE. Art. “Investidura”. Glossarium ad scriptores mediae ET infimae latinitas (edição de 1733, t.III, col.1.533).

<sup>12</sup> Oblação: s.f Oferenda; sacrifício a Deus.

- Um ato de adoração religiosa. Os. 13:2.
- Símbolo de traição. II Sam. 20:9

## 2.1 Descrição

Le Goff afirma em sua obra que o rito de homenagem é dividido em fases e completada por um sermão, esse geralmente jurado sobre a Bíblia ou sobre relíquias e essa segunda etapa é vista como ato de fidelidade. Depois dessa etapa, o vassalo conclui de fato o rito. Como afirma Le Goff, “O vassalo se tornou o homem de boca e de mãos” (p.453), ou seja, ele se torna fiel (boca) e leal (mão). Essa expressão também pode ter outras interpretações. É notório o simbolismo corporal inserido na questão cultural e mental do período senhorial.

Bruges afirma que o rito da vassalagem é dividido em três fases.

“Em primeiro lugar, eles fizeram uma homenagem do seguinte modo...” é a homenagem.

“Em segundo lugar, aquele que fizera homenagem compromete sua fé...” é a fé.

“Em seguida, com o bastão que tinham em mãos, o conde deu lhes as investiduras a todos eles...”, é a investidura do feudo<sup>13</sup>.

Le Goff (2010) afirma que a primeira fase se dá a partir da homenagem, geralmente parte por dois atos primordiais: o primeiro é verbal, geralmente o compromisso do vassalo, expressando sua vontade de se tornar homem do senhor; o segundo ato completa a primeira fase, é o *immixtio manuum*<sup>14</sup>: O vassalo colocava as mãos juntas entre as de seu senhor, que as envolve em suas mãos.

Na imagem a seguir podemos observar detalhes muito valiosos para nossa compreensão, vemos de forma bem explícita a subordinação do futuro cavaleiro com seu senhor observe que a mão do vassalo fica envolvida pela mão do senhor, e que neste momento ele permanece de joelhos em frente ao seu senhor. Percebemos também que ao fundo da imagem temos um monge que representa a santidade do rito.

<sup>13</sup> BRUGES, G. *Historie Du meurtre de Charles Le Bom*. Paris: H. Pirenne, 1891, p. 89.

<sup>14</sup> *immixtio manuum*, a essência da cerimônia. Era uma espécie de oração, em que um homem, sem armas, de cabeça descoberta, em geral de joelhos, colocava suas mãos juntas às do senhor, que fechava as suas sobre as do vassalo.



**Figura 2** – Homenagem exemplo de um ritual clássico da vassalagem.

Fonte:Disponívelem:<[https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q\\_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+hommage](https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+hommage)>

Nota-se nessa imagem, quando da citação do documento do acordo de Geraldo Bonafos e Bernardo abade de Septfons do ano (1161), a questão da expressão gestual. No documento cita que “de joelhos e com as mãos juntas, a si próprio, a mim, o abade Bernardo e os meus sucessores, entregou-se em homenagem”.

A segunda fase, segundo Le Goff (2010), é a da fidelidade e fé completada por um sermão. Aqui já se nota o uso da palavra, que é uma questão simbólica mais forte que a homenagem, pois se trata de um sermão que é jurado sobre a bíblia ou sobre relíquias após selam a segunda fase com um *osculum*.

A imagem que neste momento o vassalo já recebe do seu senhor o título de igualdade como podemos ver na imagem os dois indivíduos da imagem estão com as vestes parecidas um de frente para o outro e os dois de pé. Aqui não se vê subordinação na imagem aqui a imagem nos reflete a questão da igualdade e a afetividade entre eles, e essa afetividade e selada com o beijo (*osculum*).



**Figura 3** – *Osculum*, o beijo que sela a fidelidade entre o vassalo e seu senhor.

Fonte:Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q\\_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+homage](https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+homage)>

Neri Almeida (2002) tem uma colocação analítica sobre o que se diz ser a segunda fase do ritual de vassalagem. Ela diz respeito à participação da Igreja nesses ritos simbólicos, exemplo, os juramentos eram feitos sobre os evangelhos ou sobre relíquias de santos, dando ao rito um caráter cristão.

Nesta fase se tem presente a imagem do monge tornando esse momento simbólico ainda mais santo e sua validade ainda mais cristã.

Portanto, nesta última imagem vemos a finalização do rito da vassalagem que se dá através da investidura do feudo, que se opera por meio da entrega de um objeto de uso pessoal do senhor para o seu novo vassalo, tornando assim a entrega, a confiança do senhor ao seu vassalo.

Neste ponto vemos a questão dos objetos simbólicos, nesta imagem por exemplo foi dado ao seu vassalo uma espada que representa que o senhor entregou ao vassalo sua vida sua confiança, e isso é representado através desse objeto simbólico.



**Figura 4** – Representa a investidura que significa ato de investir uma pessoa na posse de algum cargo ou dignidade; emposse.

Fonte:Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q\\_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+hommage](https://www.google.com.br/search?q=enluminures+vassalit%C3%A9s&biw=1024&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjfvMLi8vDPAhVEOSYKHUYAT4Q_AUIBigB#tbn=isch&q=enluminures+hommage)>

Le Goff afirma ser necessário insistir sobre o fato de que o conjunto dos ritos e de gestos simbólicos da vassalagem constitui não somente o cerimonial, um ritual, mas um sistema, isto é, funciona se não lhe faltar nenhum elemento essencial e ele só ganha significado e eficácia graças a cada um dos seus elementos, cujo sentido só pode pela referência ao conjunto.

A interpretação se situa à altura de cada uma das fases do ritual simbólico e define uma relação entre os dois atuantes: o senhor e o vassalo.

Percebemos ao observar nas imagens acima, total subordinação em relação ao seu senhor. Essa diferença (desigualdade) entre o senhor e o seu suposto vassalo é extremamente evidente, e notamos isso em todas as imagens

vistas. Também se percebe essa subordinação nos documentos usados como fonte desse trabalho.

Ao termino do ritual o vassalo tem em mente os seus direitos e deveres com o seu senhor. Isso fica bem claro nos rituais em si e para a vida inteira do vassalo. Para entender cita-se:

[...] Aquele que jura fidelidade ao seu senhor deve ter sempre presente na memória estas seis palavras: incólume, seguro, honesto, útil, fácil e possível. Incólume, na medida em que não deve causar prejuízos corpóreos ao seu senhor; seguro, para que não traia os seus segredos ou armas pelas quais ele se possa manter em segurança; honesto, para que não enfraqueça os seus direitos de justiça ou de outras matérias que pertençam à sua honra; útil, para que não cause prejuízo às suas possessões; fácil ou possível, visto que não deverá tornar difícil ao seu senhor o bem que ele facilmente poderia fazer, nem tornar impossível o que para ele seria possível. (Extrato do documento “De Fulbert de Chartres ao Duque de Aquitânia Guilherme V (1020)” sobre direitos e deveres feudais).

Segundo Laplantine, as experiências cotidianas, e não apenas as religiosas, são permeadas por ritos. As homenagens a fatos históricos por exemplo. Ele também afirma que esses rituais diferem das simples cerimônias à medida que marcam, em suas performances e atitudes, sentimentos e mudanças significativas na vida social dos homens.

Notamos como são comuns e sérios os gestos simbólicos na vida social, também vemos que o ato simbólico, segundo Le Goff, necessita categoricamente de três elementos cruciais: a palavra, gesto e os objetos, e só tem valia em uma sociedade se essa reconhecer o simbolismo e fazer valer o ser simbólico. A sociedade senhorial aplicava essas simbologias tanto quanto as praticava.

[...] “Geraldo Bonafos, verdadeiramente no terceiro dia, um domingo, [após ser] ouvido o juízo, de joelhos e com as mãos juntas, a si próprio, a mim, o abade Bernardo, e a meus sucessores, entregou-se em homenagem, com tudo o que possuía; de forma que eu, o abade Bernardo, aceitei a chave das próprias cabanas das mãos do mesmo Geraldo Bonafos” [...].<sup>15</sup>

Nos rituais, além de estarem presentes elementos acima citados, não se podia realizá-los em qualquer lugar. Ele tinha que ser realizado em um lugar também

---

<sup>15</sup> Estes três elementos são visíveis no documento de BERNARDO DE SEPTFONS. Acordo com Geraldo Bonafos acerca da doação de Guilherme de Pena ao monastério de Septfons no Languedoc. In: PORTAL, Ch. & CABIÉ, Edm. **Cartulaire des Templiers de Vauor**. Paris/Toulouse: A. Picard et fils/Édouard Privat, 1895: 6-7 (trad. nossa).

simbólico, assim afirma Le Goff. Porém, os documentos não são ricos de detalhes para melhor compreensão.

Fazendo uma análise, vemos que, atualmente, em pleno século XXI, a questão do símbolo ainda persiste, embora de uma maneira diferente da que era tratada na Idade Média. Observamos, no nosso cotidiano, o quanto usamos e vemos termos simbólicos, por exemplo: ao irmos ao banheiro, nota-se que na porta há um símbolo indicador de feminino ou masculino; é muito visto, também, placas indicadoras em rodovias, simbolizando algo. Admitindo ou não, o símbolo faz parte do nosso “Eu”, e percebemos que isso é algo que partilhamos com a Idade Média.

Nesse ponto, discutiremos alguns conceitos sobre o imaginário e simbolismo. Segundo Laplanthine (2003), As imagens padronizadas não conseguiram construir, através de seus recursos simbólicos, qualquer universo do imaginário social. O autor afirma que o símbolo é um sistema que não constitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade de interpretações.

Esse capítulo tenta descrever as relações de imagens, gestos e atos simbólicos mediante a sociedade e seu valor. Chevalier (2009, p.15) afirma que os temas imaginários, aqueles que chamariam de o desenho ou a figura do símbolo (o leão, o touro, a lua, etc.) podem ser universais, intemporais, enraizados nas estruturas da imaginação humana. Entretanto, o sentido de cada um deles também pode ser muito diferente conforme os homens e as sociedades e conforme sua situação em um momento.

No entanto, faremos uma breve relação entre o imaginário e o simbolismo. Essa relação nos ajudará a entender mais sobre o simbólico na Idade Média. A primeira questão a ser respondida para ter compreensão do que estamos falando é: o que é imaginário? Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, imaginário seria algo fantástico, não real. Seria algo criado pela imaginação, fictício. Já a segunda questão a ser respondida seria: o que é simbólico? Expressão ou interpretação por meio de símbolos.

Vemos que o imaginário e o simbolismo é algo criado pela imaginação, a diferença é que o imaginário é algo não real, já o simbolismo cria algo para representar algo real. É um pouco confuso de fato, mas Laplanthine (2003) nos ajuda ao citar:

O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens. (LAPLANTINE, p.27, ano 2003).

Portanto o imaginário tem representações que ultrapassa as representações intelectuais ele é constituído e representado através de símbolos. Desta forma Laplantine (2003. P. 79) afirma que os símbolos constrói o aspecto formal (significantes) e de conteúdos (significados).

A razão encontra – se no imaginário e no sentido da lógica interna, que não é contrária do real, mas que , como um caleidoscópio, recria, reconstrói, reordena e reestrutura, criando uma lógica que desafia a lógica formal.

## CONCLUSÃO

Partimos do pressuposto de que o estudo de toda experiência humana é válido. O grande problema e o grande obstáculo para a compreensão das características do compromisso na sociedade senhorial do século XII é a longevidade do período, portanto cabe ressaltar que o compromisso foi um ato crucial para a manutenção desta sociedade estudada.

E que mesmo nos dias de hoje percebemos claramente a herança trazida desde o período medieval. Os atos, gestos, ritos simbólicos foram primordiais naquele período era através deles que a sociedade se mantinha coesa e a suposta anarquia equilibrada entre eles. Nota-se nas relações senhoriais a questão cristã que de certo modo ajudava a pacificar certos conflitos vemos que a imagem do monge, abade, bispo e papado e de extrema importância.

A presente pesquisa se mostrou como um primeiro passo ou experiência para se pensar historicamente, ou seja, considerar as diversidades temporais e espaciais da experiência humana sem um juízo de valor ou pré-concepção.

Portanto, esse trabalho busca analisar uma época distante, mas que de certa forma nos agregou muita influência, como a organização social, desigualdade social, simbolismo, afetividade, dentre outros.

É através dos capítulos abordado neste trabalho que transmitiremos aos leitores inquietações sobre a Idade Média. Deixando claro ao leitor que a Idade Média não foi apenas divisões de terras (feudos) nem tão pouco feudalismo, ou subordinação a igreja católica.

A Idade Média passou por diversas transformações e essas nos permite buscar inquietações para o nosso presente. Foi através dessas mudanças que hoje podemos estudá-la e buscar entendê-la, embora documentos desse período sejam escassos de detalhes.

## LISTA DE FONTES

Extrato do documento “**De Fulbert de Chartres ao Duque de Aquitânia Guilherme V (1020)**” sobre direitos e deveres feudais.

**Manuscrito nº. 752.** (R.A. 13) (3) Bibliothèque Méjanes, Aix.

**Manuscrito nº. II.** série 56H; fundo 5279. Arquivos departamentais des Bouches-du-Rhône (Marseille)

SEPTFONS, Bernardo de. “Acordo com Geraldo Bonafos acerca da doação de Guilherme de Pena ao monastério de Septfons no Languedoc”. In: PORTAL, Ch. & CABIÉ, Edm. **Cartulaire des Templiers de Vauor**. Paris/Toulouse: A. Picard et fils/Édouard Privat, 1895: 6-7 (trad. nossa).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Néri de Barros. **Feudalismo: conceito e origem, estudo de história.** França: vol. 8, nº 2, 2002.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII.** Dominique Barthélemy. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América.** Trad. Marcelo Rede. Préf. Jacques Le Goff. São Paulo: Globo, 2006.

CLIO NA INTERNET. **Homenagem e Investidura na Idade Média.** Disponível em: <<https://clionainternet.wordpress.com/2011/06/10/homenagem-e-investidura-na-idade-media/>>. Acesso em: ago.-set./2016.

FOURQUIN, G. **Senhorio e feudalidade.** Disponível em: <<http://senhorioefeudalidade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: ago./2016.

GEARY, Patrick J. Viver em Conflito em uma França sem Estado: tipologia dos mecanismos de resolução dos conflitos (1050-1200). In: **Annales: économies, sociétés, civilisations.** nº 5, 1986, 1107-1133p.

KD FRASES. **Frases, Citações, Pensamentos e Mensagens.** Disponível em: <<http://kdfrases.com>>. Acesso em: ago.-set./2016.

SALLES, Bruno Tadeu. A Querela da Past and Present: perspectivas quanto ao Feudalismo. In: **Anais Eletrônicos X Semana de História: Para que serve a História? Do ofício do historiador aos desafios do professor.** UEG/Câmpus Itumbiara. Itumbiara-GO: 2011.

LE GOFF, Jacques. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente; 18 ensaios/ Jacques Le Goff; tradução de Tiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho.** - Petrópolis, RJ: Vozes,2013.

LAPLANTINE, François. **O que é imaginário/ François Laplantine, Liana Sálvia Trindade.** - São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 309).

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.